

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
CURSO DE HOTELARIA**

EVELLYN DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**HOSPITALIDADE NOS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO HEBRAICO-
CRISTÃ: LIÇÕES PARA A MODERNIDADE**

SEROPÉDICA – RJ

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
CURSO DE HOTELARIA**

**HOSPITALIDADE NOS PRIMÓDIOS DA CIVILIZAÇÃO HEBRAICO-
CRISTÃ: LIÇÕES PARA A MODERNIDADE**

EVELLYN DE OLIVEIRA NASCIMENTO

ORIENTADOR

PROFESSOR MS. OSVALDO DO NASCIMENTO VERAS.

SEROPÉDICA - RJ

2018

EVELLYN DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**HOSPITALIDADE NOS PRIMÓDIOS DA CIVILIZAÇÃO HEBRAICO-
CRISTÃ: LIÇÕES PARA A MODERNIDADE.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Hotelaria, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas sob orientação do Professor Ms. Osvaldo do Nascimento Veras.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Ms. Osvaldo do Nascimento Veras

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Professor Dr. Leonildo Silveira Campos

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Professor Dr. Paulo Cosme de Oliveira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, pois acreditaram e incentivaram a continuar e quando em momentos de dificuldades, me impulsionaram a prosseguir e não me deixaram esmorecer no caminho.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus, o grande Criador, doador da Vida, que apesar de todas minhas limitações se fez presente em todos os momentos e a quem acreditou em mim, mesmo quando a esperança estava se esvaindo.

RESUMO

Os primórdios da Civilização Hebraico-Cristã estão narrados principalmente no livro que hoje conhecemos como Bíblia. Embora não seja a fonte única, é a que nos chama mais a atenção pela quantidade de informações que possui sobre esse período.

A Bíblia está repleta de passagens sobre a hospitalidade, influências para o bem receber, os seus exemplos ultrapassam gerações, sejam elas de culturas semelhantes ou distintas, levando consigo normas que identificam uma boa recepção e contribui para um pensar a respeito dessa prática altamente essencial na consolidação de relacionamentos saudáveis.

O termo hospitalidade em hebraico, definido pelo dicionário bíblico – Estudo dos livros bíblicos (DCI- 2015), é “Hachnasat Orchim”, era uma atitude considerada essencial para o povo israelita, tanto como nação quanto na particularidade de cada indivíduo, era basicamente o cuidado com os visitantes que vinham de fora da cidade, porém valia também para hóspedes locais; uma regra que se estabeleceu antes de Cristo e que se estende até hoje.

Sendo assim, o presente trabalho pretende investigar, apresentar e analisar a relação entre as formas de hospitalidade desempenhada nos tempos antigos, presentes na Bíblia e de que maneira seus modelos podem favorecer a hospitalidade contemporânea. Para tal, serão analisadas a importância da hospitalidade, suas especificidades e seu uso de acordo com as regras culturais dos povos citados na Bíblia. Engloba neste quesito o acolhimento ao estrangeiro e as lições que transpassaram séculos e revelam a importância destes cuidados essenciais, não apenas na rotina da hospedagem, visto que o servir e o acolher é fator primordial na hotelaria, mas também em relações diárias entre pessoas, seja no ambiente doméstico ou comercial, em conversas virtuais ou públicas. Tendo em vista que, o padrão bíblico de hospitalidade cristã incita um pensar da hospitalidade, além das grandes instituições, partindo de nós como cidadãos. O crescimento da competitividade na indústria da hospitalidade tem ganhado visibilidade e a preocupação para que não haja rotina fria em uma hospitalidade mecanizada e exageradamente burocrática, despertou interesse por esta pesquisa bibliográfica;

com intuito de contribuir na discussão sobre os rumos da hospitalidade na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Hospitaleiro. Hospitalidade. Servir.

ABSTRACT

The beginnings of the Hebrew-Christian Civilization are narrated mainly in the book that today we know called Bible. Although it is not the only source, it is the one that draws our attention to the amount of information it has about this period.

The Bible is replete with passages about hospitality, influences for the good receive, where its examples go beyond generations, be they of similar or distinct cultures, carrying with them rules that identify good reception and contribute to a thinking about this highly essential practice in consolidation of healthy relationships.

The term "hospitality" in Hebrew, defined by the Bible Dictionary - Study of the Biblical Books (DCI-2015), is "Hachnasat Orchim", an attitude considered essential for the Israeli people, both as a nation and in the particularity of each individual, was basically the Beware of visitors coming from out of town, but also for local guests; a rule that was established before Christ and which extends to this day.

Thus, the present work intends to investigate, present and analyze the relationship between the forms of hospitality performed in ancient times, present in the bible and in what way its models can favor contemporary hospitality; The importance of hospitality, its specificities and its use according to the cultural rules of the peoples mentioned in the Bible will be analyzed, including welcoming foreigners and lessons that have passed centuries and reveal the importance of these essential care, not only in the routine of the lodging, since the service and the reception is a prime factor in the hotel industry, but also in daily relations between people, be it in the domestic or commercial environment, in virtual or public conversations. Given that the biblical pattern of Christian hospitality prompts a thinking of hospitality, beyond the great institutions, starting from us as citizens. The growth of competitiveness in the hospitality industry has gained visibility and the concern that there is no cold routine in a mechanized and exaggerated bureaucratic hospitality, has aroused interest in this bibliographical research; with the aim of contributing to the discussion about the direction of hospitality in modernity.

KEY WORDS: Hospitality, Hospitaller, Serving, Bible

LISTA DE FIGURAS

1. Código de Hamurabi
2. Jó é acusado por seus amigos
3. Abraão recebe três hóspedes divinos
4. Homens de Sodoma como maus anfitriões
5. Rebeca a anfitriã pró-ativa
6. Gibéa - uma cidade degenerada
7. A Sunamita e seu marido hospedam Eliseu
8. Zaquel o publicano que ficou feliz com seu hóspede
9. O bom Samaritano - cuidou e ainda pagou a hospedagem
10. Simão - o anfitrião que só ofereceu o básico
11. Jesus em casa de Lázaro, Maria e Marta
12. Quadro de refugiados no mundo

SUMÁRIO

Introdução	12
Tema e Justificativa	15
Objetivos	16
Objetivo Geral	16
Objetivo Específico	16
Metodologia	17
Capítulo I- A Hospitalidade.....	18
Capitulo II- A Bíblia	25
2.1. Relatos sobre a Hospitalidade na Bíblia	26
2.2. Exemplos de Hospitalidade no Antigo Testamento	27
2.2.1. Jó o praticante da hospitalidade.....	27
2.2.2. Abraão e Ló receberam homens, mas hospedaram anjos	29
2.2.3. Rebeca, a mulher que recebeu os viajantes, tirou a sorte grande e conseguiu o matrimônio dos sonhos.....	31
2.2.4. A Sunamita hospedando o Profeta Elizeu.....	33
2.3. Hospitalidade no novo testamento.....	34
2.3.1. Conselhos dos Apóstolos sobre a hospitalidade.....	34
2.3.2. Jesus em casa de Zaqueu.....	35
2.3.3. Bom samaritano, o que custeava hospitalidade para quem necessita.....	36
2.3.4. Simão, o hospedeiro que não ofereceu um bom serviço.....	38
2.3.5. Marta, Maria e Lázaro, família hospitaleira.....	39

2.3.6. Paulo em Malta: na casa de Públio.....	40
Capítulo III.- Falta de hospitalidade nas escrituras.....	41
3.1. Gibéa, o mau exemplo da hospitalidade.....	41
3.2. Um nascimento sem recepção	42
Capítulo IV- Resultados em sermos Hospitaleiros.....	43
Capítulo V- Hospitalidade Contemporânea.....	44
Considerações Finais	48
Bibliografia.....	49

INTRODUÇÃO

O servir com hospitalidade e dedicação, não leva em conta as barreiras sociais, é cuidar sem distinção de raça, gênero, classe social ou religião e como dito por Castelli (2010 p.113) “Servir é agir no lugar do outro.”

É necessário demonstrar a qualidade, não somente, nas deslumbrantes e magníficas estruturas de hotéis luxuosos, mas também no atendimento de uma recepcionista, no cartão da equipe de governança, no bate-papo da recreação, na mesa do café com os colaboradores, atitudes presentes na hospitalidade comercial; a hospitalidade está no ato de recepcionar uma visita em casa, deixa-la confortável no período de estada, simbolizando a receptividade doméstica; está no respeito ao motorista do ônibus, ao garçom, na empatia demonstrada ao outro em quem esbarramos pelas ruas; enfim, no convívio entre todos, cabe a nós, promover a junção da humanização e a hospitalidade, isto é, fazer com que caminhem compassadamente em harmonia, evitando desequilíbrio entre as partes. Segundo Castelli (2010 p.206) “Difícilmente o hotel poderá atender às necessidades, os desejos e as expectativas dos viajantes sem, como vimos, estrutura física e atendimento adequados”.

A característica hospitaleira, o espírito de servir, não se restringe aos meios de hospedagem atuais, está presente na sociedade desde os povos antigos, seja na exuberância dos reinos ou na simplicidade dos nômades. Com o passar dos anos, criaram-se estratégias para fomentar a hospitalidade e usá-la como um valor agregado aos serviços ou produtos, também na intenção de tentar amenizar possíveis erros no decorrer do processo de adquirir um determinado produto/serviço. No entanto, usar a hospitalidade como atrativo apenas para vender algo, como por exemplo, uma diária em um hotel, torna suscetível a relações mecânicas e frias, pois muitas vezes, a essência hospitaleira dá espaço aos procedimentos rotineiros deixando em segundo plano qualquer empatia ou altruísmo com o próximo. Logo, vale lembrar que, o ato de ser hospitaleiro é mostrar uma boa acolhida, ser cordial e agradável e a falta dessas atitudes torna perceptível o pouco interesse pelas necessidades do outro.

Um dos importantes pontos de partida para a compreensão do significado de hospitalidade é a preocupação para com o outro. Quem é esse “outro”? Eles são nossos parentes, amigos, vizinhos, cidadão das diferentes comunidades, integrantes da grande família humana, com todas as suas diferenças, em especial as culturais, étnicas e religiosas (CASTELLI, 2010 P.121).

Certamente a hospitalidade pode ser desenvolvida, sendo assim um fator que promove atratividade ao meio empresarial, o que de certa forma é viável e agradável. No entanto, não se resume ao ato de receber um hóspede em casa ou em um hotel e muito menos está limitada ao atendimento a clientes nas grandes empresas a fim fideliza-los. A atitude hospitaleira vai além da pró-atividade do mundo dos negócios, o bem receber e o espírito de servir ultrapassa as paredes de uma estrutura.

Ao estudarmos a hospitalidade, entenderemos que para formarmos profissionais capazes de perceber e entender os receios do outro, deveremos ter em mente que a pró-atividade na tentativa de receber, se utilizada, apenas como moeda de troca, não produz continuidade.

É inegável que um treinamento e a junção de estrutura, processos e pessoas, originam uma excelência ao atendimento, o que é profícuo para as relações; não obstante, convenhamos que em meio a uma tendência de uma sociedade individualista e atarefada, com uma propensão a sentimentos depressivos combatidos através de campanhas publicitárias, e grandes crises financeiras no mundo, o ato de ouvir, comunicar, cuidar e/ou solucionar uma necessidade, pode gerar um relacionamento consolidado.

Ademais, Lashley e Morrison (2004 p.13) afirma que os estudos da hospitalidade podem ser melhorados quando analisados também, através de perspectivas sociológicas, antropológicas e históricas;

O estudo do domínio social da hospitalidade proporciona interessantes perspectivas teóricas através das quais se estabelece o entendimento das atividades que abrangem a indústria da hospitalidade. Evidentemente, uma grande parte do entendimento atual é estabelecida pelos conceitos econômicos. É possível melhorá-lo mediante análise da hospitalidade, por perspectivas sociológicas, antropológicas e históricas. As ideias em vigor relativas à hospitalidade e ao consumo de produtos e serviços relacionados com a hospitalidade podem então ser fixadas em confronto com períodos históricos e situações sociais do passado (LASHLEY e MORRISON, 2004 p.13).

A análise dos textos bíblicos é relevante para nossa atualidade, tendo em vista que esses textos atravessaram séculos, forjando e contribuindo para teorias que perpassam a religiosidade. Ao atentarmos para suas narrativas, veremos os diversos exemplos referentes a hospitalidade, perceberemos que esse conceito não foi descoberto em nossa época e não é um fator exclusivo de nossa contemporaneidade. Há orientações para seguir a hospitalidade e tratar aos demais com fraternidade e igualdade, disponibilizando uma gama de exemplos que evidenciam a importância do ser hospitaleiro. É nessa direção que se pretende desenvolver essa monografia, ou seja, ela apontará para o fato de que a Bíblia, além de fonte de doutrina para algumas religiões, é detentora de informações que contribuem, após séculos, enriquecendo e possibilitando discussões sobre diversificados temas, entre esses a hospitalidade.

Reconhecemos que atualmente, há uma crise, e esta não é unicamente financeira ou política, que inclui a gigantesca saga dos refugiados, expostas em telejornais de todo o país, todavia abrange também a percepção do ser humano quando agride, pune com crueldade ou ainda impõe que o outro aceite suas ideologias, cultura e/ou filosofias de vida. Quando consideramos as crises de cunho financeiro ou político, a responsabilidade é transferida para órgãos públicos, no entanto o acúmulo de problemas maus resolvidos ou ignorados, lotam as grandes cidades e a diferença será notada em como nós, cidadãos desempenharemos nossa cordialidade frente a um imigrante necessitado, ou quando nossa gentileza será testada ao nos depararmos com o troco a mais que recebemos de uma vendedora que luta para conquistar seu sustento diário; pensaremos então, que o fim justifica os meios, tendo em vista que todos nós estamos na mesma crise? O ser hospitaleiro trás consigo a empatia, o que para muitos é considerado um dom, pode da mesma forma ser ensinado, inculcando uma mentalidade necessária para a vivência e um ambiente saudável.

TEMA e JUSTIFICATIVA

Com o passar do tempo a hospitalidade tem ganhado espaço nesse mundo competitivo e globalizado, firmando-se cada vez mais com uma questão essencial na busca de clientes, no entanto, muitas vezes, geram uma ruptura nas relações entre quem receber e quem é recebido, onde a tal chamada “humanização” é fria e solitária. Chon e Sparrowe (2014 p.66) citam e defendem que as motivações estão ligadas à hierarquia das necessidades. Maslow (apud CHON e SPARROWE, 2014 p.66) diz que existem cinco níveis de necessidades humanas: necessidade fisiológica, a de segurança, a social, a de autoestima e a de autorrealização. Logo, conclui-se que, o ser humano necessita de algo além da singela estrutura decorada de um quarto de hotel, há de se entender que em um ambiente onde o hóspede estar, o convívio social, se bem vivido, pode ajudar na autorrealização e satisfação.

Como podemos ver, a hospitalidade não está focada apenas na qualidade dos serviços, apesar da qualidade ser a consequência na busca de satisfazer as necessidades do outro, muitas vezes gerada com sacrifício e muito empenho, o que é descrito por Camargo (2004) quando relata que “agradar ao hóspede implica abrir mão de algo que se tem em favor dele. Esse algo pode ou não implicar em dispêndio de dinheiro. Pode ser um cafezinho já passado. Pode ser apenas tempo, moeda tão cara na vida moderna”. Mas da mesma forma, a hospitalidade, está ciente do valor que tem uma experiência bem vivida. A qualidade é sim, um fator de grande influência para suprir necessidades, no entanto, uma funcionalidade pró-ativa não substitui a satisfação de ter alguém, que de fato, importa-se com seu bem-estar, físico e emocional. Logo, a hospitalidade gera uma aproximação menos mecanizada, afeto, cuidado e respeito.

Partindo dos textos da Bíblia cristã, este presente trabalho narrará relatos de personagens e situações, visando discutir o pensamento hospitaleiro e seu valor para a contemporaneidade, discutindo como um livro considerado patriarcal possibilita e agrega para um pensar de hospitalidade na era globalizada, e como a “hospitalidade cristã” auxilia no tratamento e acolhimento ao outro. É importante sabermos que o trabalho não tem um propósito teológico. Visando que há pouco

estudo relacionado a essa temática no campo da Hotelaria, busca-se contribuir para as interpretações e estudos do tema.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo do trabalho é dialogar entre os aspectos que envolvem relacionamentos sociais e hospitaleiros nos textos bíblicos e observar seu exemplo na contribuição para a sociedade atual, dentro de uma perspectiva de “hospitalidade cristã”, a hospitalidade como dádiva. Dentro dessa temática, procuramos pontuar a preocupação que se deve ter com o estrangeiro, imigrantes e como a hospitalidade influencia uma determinada cultura hospitaleira ou, a falta dela estigmatiza um povo ou determinado “clã” como inóspito. Ora, o leitor há de convir, que a Bíblia como um conjunto de literaturas, disponibiliza regras e orientação para uma vivência pacífica entre as pessoas, munida de gentileza e presteza, atributos estes, elementos para uma relação social agradável.

Objetivo Específico

Para a realização de tal objetivo utilizamos de pesquisas bibliográficas Principalmente do texto bíblico e de outros livros que falavam sobre hospitalidade, para que pudéssemos explorar a eficácia e necessidade do receber bem e como este contribui para uma melhora no convívio do hóspede e seu anfitrião, tendo em vista que, o ato de bem receber libera tanto no anfitrião quanto no hóspede uma sensação de bem-estar. Apresentar que a Hospitalidade pode e deve ir além de uma estrutura luxuosa, bem planejada e organizada; e como a hospitalidade na sua origem, ainda promove e estabelece lições a uma sociedade moderna.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa descritiva e bibliográfica principalmente da Bíblia como livro base, o que permite a elaboração do trabalho a partir de material já publicado, como artigos científicos, livros, além de utilizar também materiais da internet, tendo o cuidado e atenção para que a qualidade do site pesquisado não comprometa a pesquisa, pois algumas fontes podem estar equivocadamente publicadas, o que deixaria o presente trabalho em péssimas condições, caso estivesse basicamente fundamentado em fontes contraditórias e incoerentes. Sendo assim há uma necessidade de analisar profundamente cada informação obtida, para que evite problemas nos resultados e na confiabilidade do projeto; por isso, priorizaram-se fontes e livros que eram pertinentes a áreas.

1 - A HOSPITALIDADE

Com a intenção de discursar sobre o assunto já exposto no capítulo introdutório, explanaremos neste presente capítulo, conceitos da hospitalidade como dádiva e valores que esta, expressa à sociedade, iniciando aqui, um debate com o intuito de contextualizar o termo hospitalidade, aprofundando no ato de proporcionar refúgio, ou seja, no acolher o outro - sinônimo de hospitalidade, na medida em que o texto se alinha a uma análise de modelos acolhimento aos estrangeiros.

Antes mesmo de iniciarmos o estudo sobre os modelos de acolhimento, iremos esclarecer o significado da palavra hospitalidade e expor partes de seus relatos no decorrer da história e entender seu surgimento.¹

Outrora, os povos viajavam longas distâncias a fim de vender ou trocar mercadorias, portanto precisavam que suas necessidades básicas pudessem ser atendidas, tais como, abrigo, comida e bebida; isso contribuiu para as construções de tavernas e hospedarias (do latim *Hospitium*), a fim de suprir tais necessidades do hóspede (do latim *Hospe* – mesma origem da palavra hospedeiro).

As primeiras regulamentações foram encontradas no Código de Hamurábi, desenvolvido no governo de Hamurábi de 1792 a 1750 antes de Cristo (a.C.) no Antigo Império Babilônico. Esse código era um inteligente conjunto de leis desenvolvido por ele para organizar o reino (Chon e Sparrowe, 2014).

Segundo Walker (2002 p.4), pelo código os proprietários deveriam denunciar os clientes que planejassem crimes no estabelecimento, e quem descumprisse estava sujeito à pena de morte. Como também a atitude de adicionar água à cerveja era um crime que poderia levar o sujeito à morte.

De acordo com o Dicionário Aurélio, hospitalidade significa:

¹ Liberalidade que se exerce recebendo e agasalhando em sua casa, sem remuneração, pessoas de outra terra.

² Qualidade de hospiteiro.

Figura 1.



<https://www.resumoescolar.com.br/wp-content/imagens/o-c%C3%B3digo-de-hamurabi.jpg>

Com o aumento de viagens, o número de acomodações para passar a noite cresceu. Nos impérios gregos e romanos, os meios de hospedagem se expandiram. Os meios de hospedagem dos romanos eram mais bem equipados e localizados, como descrito por Walker (2002 p.5),

Eram localizados cerca de quarenta quilômetros um do outro, visando oferecer sempre uma nova casa aos oficiais e mensageiros do governo romano, e só podiam ser usados mediante a apresentação de documentos especiais de autorização. Esses documentos tornaram-se cobiçados símbolos de status social e objeto de inúmeros roubos e falsificações. [...] Alguns abastados senhores de terras construíram suas próprias estalagens nos limites de suas herdades, as quais eram em geral administradas por seus escravos domésticos. Nas regiões urbanas, pousadas e tavernas de clientela menos abastada eram gerenciadas por homens livres ou gladiadores aposentados [...].

Já no ano de 43 depois de Cristo (D.C.) o serviço de hospedagem estava bem evoluído na sociedade romana, onde teve grande influência na indústria da hospitalidade, pois os cidadãos eram, em grande parte, ricos e podiam viajar por prazer a cada cidade conquistada pelo império. Todavia, com a queda do império romano houve grande declínio nas viagens e hospedarias.

No século VIII, Carlos Magno construiu pousadas para peregrinos no continente europeu: o propósito único de muitas ordens de cavalaria era o de proteger os peregrinos e prover-lhes abrigo em suas rotas. Uma dessas pousadas, uma abadia em Roncesvalles, anunciava serviços tais como uma calorosa acolhida na porta da frente, pão grátis, babeiro e sapateiro, cestas repletas de amêndoas e frutas, dois asilos com camas para os doentes e até um cemitério consagrado (WALKER, 2002).

No século IV ao XI a Igreja Católica Romana estimulava as viagens de peregrinos aos mosteiros e catedrais da Europa. Alojamentos construídos nas igrejas ofereciam lugar para comer e dormir. Um grupo de italianos, donos de hospedarias formou uma corporação em 1282, a hospedagem evoluiu de um ato de caridade para um negócio bem desenvolvido.

O termo hospitalidade refere-se à qualidade de um indivíduo ou local ser hospitaleiro, ao ato de hospedar, considerando-se sempre o ponto de vista do hóspede. Todavia é certo que a hospitalidade não consiste apenas em receber o outro. Os atos de hospedar e de ser hospitaleiro são muito mais complexos que simplesmente o de receber o visitante: consiste na união, ou melhor, na aproximação de culturas, costumes e pessoas diferentes. Trata-se de uma relação de troca de valores entre o visitado e o visitante (CAMPOS, 2008).

Bem como dito por Castelli, (2010 p.158) “Aproximar-se do outro significa abrir algum “espaço” dentro de nós para ele, esse desconhecido”.

A hospitalidade é a capacidade de atender e acolher o outro agradavelmente, de maneira que o mesmo sinta-se confortável e satisfeito, não apenas pela limpeza ou decoração da estrutura em que se hospeda, mas também pelo modo cordial que foi recebido. É o bem receber, é o cuidar, a empatia. Muito bem citado por Gotman (apud BEZERRA, 2007) “A hospitalidade é um processo de agregação do outro à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso”.

Castelli (2010 p.220) ainda diz que “Os atos de receber, alojar, alimentar, entreter e despedir-se das pessoas são atos marcados pela ação em direção ao outro e caracterizam o processo da hospitalidade”.

A hospitalidade manifesta-se nas relações que envolvem as ações de convidar, receber e retribuir visitas ou presentes entre indivíduos que constituem uma sociedade, bem como formas de visitar, receber e conviver com indivíduos que pertencem a outras sociedades e culturas; desse modo, pode ser considerada com a dinâmica do dom. Todas as sociedades têm normas que regulam essas relações de troca entre as pessoas, o que parece demonstrar que, de alguma maneira, elas atendem a uma ou mais necessidades humanas básicas (DENCKER, 2004 apud OLIVEIRA e SANTOS, 2010).

HOSPITALIDADE E SUAS CATEGORIAS

Com a expansão do turismo, tecnologias e meios de hospedagem, aprofundou-se o estudo da hospitalidade, ampliando a visão de hospitalidade doméstica para uma maior perspectiva, dividindo a hospitalidade em três categorias.

Hospitalidade Doméstica,

Hospitalidade Comercial e

Hospitalidade Pública ou Urbana.

A hospitalidade doméstica, representada pelo convívio estabelecidos no lar, no relacionamento entre familiares e/ou parentes próximos.

Além disso, Lashley e Morrison (2004 p.14) afirmam que,

O cenário doméstico de oferta de hospitalidade pode ser o foro para o inter-relacionamento entre os espaços doméstico e social. A recepção de hóspedes em ambientes domésticos proporciona a oportunidade de situar o indivíduo e a família no contexto da “civilidade”. Em certa medida, os hóspedes desempenham um papel na avaliação da interação social dos indivíduos e das famílias. Do ponto de vista do anfitrião, esses eventos oferecem oportunidade para o convite, a exposição social, o desenvolvimento de relações sociais, a satisfação de necessidades sociais e de *status* etc.

Já na Hospitalidade comercial acontece no âmbito dos prestadores de serviços, é dependente de processos, liderança, do entendimento que os envolvidos terão de um, há vários treinamentos para esse tipo de atendimento hospitaleiro.

Castelli (2010, p.155) exemplifica isso, quando diz:

Toda vez que um anfitrião recebe seus convidados, seja em ambientes privados ou comerciais, e coloca em prática as dimensões da hospitalidade, tais como boa convivência, respeito, amabilidade, sensibilidade, cortesia, tolerância, generosidade, simplicidade, solidariedade e paz sem segundas intenções, estará sendo genuinamente hospitaleiro.

Todavia, Campos (2008) diz que, “Vale lembrar que considerar algo hospitaleiro ou hostil engloba uma cadeia de fatores [...] visto que, para alguns, a hospitalidade não passa de uma relação entre o hóspede e o anfitrião, enquanto outros a relacionam

com trocas culturais; [...]”, isto é, cada ser humano em sua individualidade terá formas distintas de expressar-se, mesmo vivenciando situações semelhantes.

Da mesma forma, Lashley e Morrison (2004 p.19) declaram que “A oferta da hospitalidade comercial depende da reciprocidade com base na troca monetária e dos limites da concessão de satisfação aos hóspedes que, no fim, causam impacto sobre a natureza da conduta hospitaleira e da experiência da hospitalidade”.

Por fim, a Hospitalidade Pública ou Urbana onde a cidade é preparada para receber o viajante com facilidade de informações e prontas para atender necessidades básicas.

Conforme Grinover (2016 p.118) diz que a cidade “[...] são os lugares privilegiados para a vida coletiva, a socialização, a equidade, a ordem pública, a cidadania e a urbanidade. São os lugares onde se podem exercitar a escolha, a liberdade e a hospitalidade [...]”.

Assim sendo, independente do período na história ou da cultura local, a hospitalidade visa o bem estar e pode ser apresentada de diversas formas, não somente no ato de receber uma visita em casa, pois se apresenta na relação com o outro seja em uma conversa no restaurante ou um atendimento na loja; seja no café com os colaboradores ou no almoço dos hóspedes. Tendo em vista que, a compreensão de hostilidade e hospitalidade ocorrerá na particularidade de cada indivíduo. De acordo com Castelli (2010 p.4) “Hospitalidade significa receber, abrigar, alimentar e *cuidar* (grifo nosso) do visitante”.

A HOSPITALIDADE COMO DÁDIVA

A hospitalidade em seu sentido original é o acolhimento sem esperar troca, uma dádiva, uma atitude que dispensa gorjeta, não observa status social, mas o faz com humildade e reconhecimento do outro, considerada como um dever sagrado, por algumas sociedades. Esta definição faz nos lembrar de Mauss (1974 *apud* Camargo, 2004) em o “Ensaio sobre a dádiva e o dom”, onde ele alega que a dádiva não acontece ou é em si, um ato isolado, mas ocorre num ciclo de dar-receber-retribuir, o que explicaria as relações de antigas civilizações. No entanto para Mauss, esse processo não está firmado em uma relação contratual, de trocas, mas inicia-se com uma dádiva, onde a retribuição é uma nova dádiva, estabelecendo um processo sem fim.

Tendo em vista, que o significado de dádiva é definido como “toda prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social” (CAILLÉ *apud* CAMARGO, 2004 p.19).

A complexidade sobre a dádiva se entende quando Camargo (2004 p.20) aborda que,

Quem dá algo sempre tem algum interesse. Mas isso não é tão fácil de entender. Esse interesse pode ser nobre, como ocorre na ajuda ao próximo em necessidade, um sentimento religioso ou simplesmente filantrópico. Mas mesmo nesses casos, essa ação de dar é plena de ambiguidades ao longo de diferentes eixos: utilidade-gratuidade, interesse-desinteresse, saber-desconhecer as leis subsequentes de receber e retribuir. Esse processo é ainda permeado por outra ambiguidade: o anfitrião pergunta-se quem está do outro lado, se o amigo, se o invasor ou parasita; o hóspede pergunta-se de antemão se encontrará calor humano ou indiferença ou interesses escusos na dádiva recebida.

Camargo (2004 p.21) ainda afirma que, “Não aceitar a dádiva desencadeia o mecanismo oposto da hospitalidade, que é a hostilidade, palavra da mesma raiz etimológica. Não ir ao encontro da mão que nos é estendida é mais do que recusar o vínculo social proposto. Significa agressão”.

No entanto, o ato de receber é recusado grande parte das vezes, pois a atitude de receber algo traz consigo um peso de débito. Onde aquele que recebe sente-se na desvantagem ou inferior ao doador, sendo assim receber a dádiva deve ser motivo de alegria, mesmo com a sensação de que esteja assumindo um débito nessa relação que aparenta ser desigual, pois “A característica principal (da hospitalidade) é ser um encontro no qual os protagonistas não têm o mesmo estatuto”. (GODBOUT **apud** CAMARGO, 2004 p.22)

2 - A BÍBLIA

A Bíblia é um conjunto dos livros sagrados que compõem o Antigo e o Novo Testamento; É também chamada de Escrituras Sagradas. E consiste na junção de diferentes autores e cronologias, com uma linguagem interdependente; como dito por (ANDRADE, 2013):

A palavra “bíblia” é uma abreviação da forma original grega ta biblia Essa expressão é plural e pode ser traduzida por “os livros”. Ao longo dos tempos, essa designação acabou por ceder lugar ao substantivo próprio Bíblia que aponta para o fato de que falar da Bíblia, não é falar de um livro, mas de livros diversos e diferentes.

Por ser um livro ancestral, a Bíblia atravessou diversas épocas e transformações em diferentes reinos. Duas religiões tem sua essência na Bíblia, o Judaísmo e o Cristianismo, ambas estão ligadas nas palavras existentes nesse livro; o judaísmo mantém sua crença apenas nos livros contidos na parte que é denominada de Antigo Testamento (A.T), já o cristianismo é guiado por ambos, Antigo e Novo Testamento (N.T) que possuem palavras de poesias, leis, histórias e ensinamentos tanto para judeus, quanto para aqueles que não são judeus. Parte da cultura ocidental também teve influência e foi definida pelas palavras da Bíblia. O Antigo Testamento foi escrito originalmente no idioma hebraico e aramaico, no período antes de Cristo (A.C.), dentro do contexto de uma sociedade israelita e judaica. Segundo Chwartz (2008), descobertas na arqueologia revelaram que o Oriente Médio formava um continuum cultural com trocas de influências nos países que incluíam a Mesopotâmia, Síria, Canaã, a costa da Ásia Menor, Chipre, Creta e Egito.

Desde 1970, a arqueologia tem revelado cada vez mais data sobre a configuração da população, costumes domésticos e religiosos, práticas agrícolas, pecuaristas e comerciais do mundo bíblico. O material epigráfico, descoberto em escavações e datado com precisão, constitui uma evidência valiosa para a contextualização dos escritos bíblicos (CHWARTS, 2008)

Na segunda parte da Bíblia estão os livros integrantes do Novo Testamento, estes foram escritos depois de Cristo (D.C.).

Existe uma diferença dentro do Cristianismo, entre a Bíblia utilizada no Catolicismo e a Bíblia no Protestantismo; a Bíblia católica tem 46 livros no Antigo Testamento e 27 no novo, totalizando 73 livros. Já a Bíblia protestante é composta por 39 livros no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento, 66 livros no total. O que difere entre as duas Bíblias é os sete livros acrescentados no Antigo Testamento da Bíblia católica.

A primeira normalização ou canonização dos livros que viriam a compor a Bíblia Sagrada no Cristianismo se deu no momento da oficialização dessa religião no período do reinado de Constantino, no século IV D.C. Foi quando aos 39 livros do Antigo Testamento (24 da Tanak) 2 juntaram se outros 27 que compunham o chamado Novo Testamento, escritos depois de Cristo e que tomam por base sua vida e ensinamentos. A Igreja adotou ainda sete livros a mais, que constavam de um cânon anterior da Bíblia judaica e que era provavelmente usado no período de Jesus Cristo e dos primeiros cristãos. (MCDONALD apud PUC-RIO artigo eletrônico).

Com a reforma protestante, os sete livros acrescentados no Antigo Testamento pela Igreja Católica, foram retirados da Bíblia, sendo recomendados apenas para leitura, até serem excluídos por completo pelos protestantes, sendo utilizado, atualmente, apenas, pela Igreja Episcopal Anglicana. Neste presente trabalho, a princípio iremos focar em relatos existentes na Bíblia utilizada pelo Cristianismo protestante e seus 66 livros, na versão João Ferreira de Almeida revisão Revista e Corrigida, além de em alguns momentos utilizar a versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTHL).

2.1. RELATOS DA HOSPITALIDADE NA BÍBLIA

Deus deixou algumas regras para o povo israelita, dentre essas leis estava o “ser hospitaleiro”, onde era aconselhado que não maltratassem o estrangeiro, pois deviam lembrar que haviam sido escravos no Egito. Como descrito no livro de Êxodo (22.21): “O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito”.

² Anagrama das iniciais dos três conjuntos de livros (Torah, Nebiim, Ketubim)

A hospitalidade estava tão presente no povo e estes acreditavam que quem a praticasse seria recompensado por Deus; que o rei Davi escreve:

BEM-AVENTURADO é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal. O Senhor o livrará e o conservará em vida; será abençoado na terra, e tu não o entregarás à vontade de seus inimigos. O Senhor o sustentará no leito da enfermidade; tu renovas a sua cama na doença. (SALMOS, 41.1-3)

A partir daí, relataremos como os exemplos de hospitalidade nas Escrituras, facilitaram o convívio e muitas vezes, proporcionando a paz e como os exemplos de hostilidade sejam culturais, decorrente de um período ou individual, também presente em suas passagens, provocaram guerras e rixas. Entretanto, ambos os comportamentos ensinam o caminho que levará ao melhor resultado, ou seja, nos apresenta as práticas que devem e as que não devem ser seguidas.

2.2. Exemplos de Hospitalidade no Antigo Testamento

2.2.1. Jó, o praticante da hospitalidade.

Figura 2.



<https://www.ecclesia.com.br/images/icones-bizantinos/miscelaneous/AT/jo.jpg>

Para entendermos a importância do servir para os personagens bíblicos, iniciaremos nossos relatos com a história de Jó, um homem da terra de Uz; que ao perder todos os seus bens, seus filhos e ficar extremamente doente, ele intercede a Deus por misericórdia e relembra que era justo, era honesto e sempre agia com gentileza “O estrangeiro não passava a noite na rua; as minhas portas abria ao viandante;” (Jó 31.32) Ele relembra as atitudes de benevolência para com o próximo a fim de alcançar o favor divino. Não se sabe ao certo qual o período exato em que o livro foi escrito, no entanto, entende-se que a prática da hospitalidade era conhecida e valorizada como virtude.

2.2.2. Abraão e Ló - receberam homens, mas hospedaram anjos.

Logo no primeiro livro - Gênesis há um relato de hospitalidade por parte de Abraão, o patriarca (chefe de família); diz a história que Abraão era um homem muito rico e certo dia, quando estava assentado na porta de sua tenda viu se aproximando três homens. Logo que os viu, correu ao encontro, cumprimentou e se ofereceu para servi-los. Na hora, mesmo pensando tratar-se de três desconhecidos viajantes, não perdeu a oportunidade de oferecer os préstimos de sua hospitalidade, gratuita e desinteressada. Só depois Abraão veio, a saber, que seus hóspedes eram três seres celestiais.

Traga-se agora um pouco de água, e lavai os vossos pés e recostai-vos debaixo desta árvore; E trarei um bocado de pão, [...] e Abraão apressou-se em ir ter com Sara à tenda, e disse-lhe: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faze bolos. E correu Abraão às vacas, e tomou uma vitela tenra e boa, e deu-a ao moço, que se apressou em prepará-la. E tomou manteiga e leite e a vitela que tinha preparado e pôs tudo diante deles; [...] e comeram. (BÍBLIA, Gênesis, 18. 4-7).

No capítulo seguinte um homem de nome Ló, sobrinho de Abraão vivencia uma experiência parecida com a que teve seu tio, “E VIERAM os dois anjos³ a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e, vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro [...]” (Gênesis 19.1), Quando avistou a aproximação de dois estrangeiros, levantou-se e foi ao encontro, cumprimentou e os convidou para sua casa “[...] passai nela a noite, e lavai os vossos pés; [...]” (Gênesis 19.1-3). Quando os homens já estavam hospedados, Ló, o anfitrião, fez um banquete para a visita.

³ mal'āk: “mensageiro, anjo”

Figura 3.



https://3.bp.blogspot.com/-Zn-BScmhnyl/V4ugZI_K-

[jl/AAAAAAAAAV8g/Nzg3RpJbn3ESMkFyJbbedtEE7bQz4mb7QCLcB/s1600/Palatina_3Angels_710.jpg](https://3.bp.blogspot.com/-Zn-BScmhnyl/V4ugZI_K-jl/AAAAAAAAAV8g/Nzg3RpJbn3ESMkFyJbbedtEE7bQz4mb7QCLcB/s1600/Palatina_3Angels_710.jpg)

Nesses dois episódios, tanto Abraão quanto Ló, serviram com hospitalidade mesmo sem saber, a princípio, quem eram os seus visitantes, sem fazer uma análise se o hóspede seria alguém muito importante ou apenas um simples viajante. Relatos como esses foram lembrados, séculos depois, pelo autor do livro aos Hebreus (13.2) dizendo “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns sem saber hospedaram anjos.” Evidenciando a ideia de que, com a prática da hospitalidade havia a possibilidade de receber, muitas vezes de maneira perceptível ou não para o anfitrião, um mensageiro de Deus.

Enquanto Abraão e Ló recebiam bem os viajantes, sendo citados como exemplo de pessoas hospitaleiras e cujas práticas são referências para os homens de hoje; os homens de Sodoma são citados no mesmo texto como maus exemplos. Sim, em lugar de oferecer lugar para ficar, uma opção de higiene pessoal e segurança, eles não só comprometeram a segurança dos hóspedes de Ló, como buscaram até periclitar a segurança do próprio dono da casa e sua família. Claro que as

consequências foram desastrosas para os habitantes da cidade, deixando-nos uma lição a ser aprendida: cuide bem do seu hóspede.

Figura 4.



<https://setimoportal.files.wordpress.com/2013/06/lot.jpg>

2.2.3. Rebeca, a mulher que recebeu os viajantes, tirou a sorte grande e conseguiu o matrimônio dos sonhos.

Outra narrativa encontrada ainda no Antigo Testamento é referente à atitude da jovem Rebeca, uma jovem que pertencia à parentela de Abraão, citada no parágrafo anterior. Um viajante estava sentado, com seus 10 camelos, nas proximidades de um poço, provavelmente cansado da viagem, o viajante se depara com Rebeca que sai a buscar água com o cântaro em seu ombro, esta prontamente dá de beber ao estrangeiro e acabando de saciar-lhe a sede ofereceu também para os seus camelos, “[...] até que acabem de beber” Gênesis (24.19). Tendo em vista que, se tratava de uma época onde a localidade em que residiam, tinha escassez de água, por isso deviam tirar com a força braçal água de poços, a pró-atividade, a

generosidade daquela mulher a define como hospitaleira, pois não omitiu esforço para saciar a sede do estrangeiro e sua comitiva, uma necessidade fundamental para a sobrevivência do ser humano, além de se apressar a dessedentar também os animais; e fato notório que um camelo suporta alguns dias de viagem no deserto sem ingerir água, no entanto quando bebem, ingere de uma só vez, dependendo do porte do animal, uma grande quantidade de água. Essa quantidade pode chegar a 200 litros de uma só vez*4. Sendo assim, Rebeca gastou-se, isto é, doou-se para satisfazer a necessidade do viajante e essa atitude de empatia, de tamanha hospitalidade além de admirável, serve-nos de exemplo.

Figura 5.



<https://2.bp.blogspot.com/->

[eCHsAXk3mS8/WMWDSiViF7I/AAAAAAAAACxk/7R7h0t5kbcoi3krX1PsCnBQiA0cs8OoAAcLcB/s1600/eliezer%2Brebeca%2Bcamellos.jpg](https://2.bp.blogspot.com/-eCHsAXk3mS8/WMWDSiViF7I/AAAAAAAAACxk/7R7h0t5kbcoi3krX1PsCnBQiA0cs8OoAAcLcB/s1600/eliezer%2Brebeca%2Bcamellos.jpg)

⁴ Fonte de dados: <<https://www.infoescola.com/mamiferos/camelo/>>por Thais Pacievitch

E ela disse: Bebe meu senhor. E apressou-se, e abaixou o seu cântaro sobre a sua mão, e deu-lhe de beber. E, acabando ela de lhe dar de beber, disse: Tirarei também água para os teus camelos, até que acabem de beber. E apressou-se, e vazou o seu cântaro na pia, e correu outra vez ao poço para tirar água, e tirou para todos os seus camelos. (BÍBLIA, Gênesis, 24.18-20).

O serviço de saciar a sede de 10 camelos deveria ter sido árduo, pois a cada cântaro vazio, Rebeca voltava para enchê-lo até que todos os camelos estivessem saciados; ou seja, satisfazer as necessidades do outro pode ser, muitas vezes, trabalhoso, no entanto estabelece uma relação social de cumplicidade e empatia. Após saciar a sede dos animais, o forasteiro perguntou sobre um lugar para que pudessem hospedar a ele e aos rapazes que o acompanhavam, Rebeca ofereceu aposento como está descrito no livro de Gênesis (24.25) “Disse-lhe mais: Também temos palha, e muito pasto, e lugar para passar a noite”. No decorrer da história, em Gênesis (24. 31-33) está descrito que o local foi preparado para o viajante e para sua comitiva providenciando água para lavar-lhes os pés, e inclusive, disponibilizando um local para os animais. Dando-lhes palha e pasto para alimento.

2.2.4. A Sunamita hospedando o Profeta Elizeu.

Ainda no Antigo Testamento, deparamos com a história de uma mulher sunamita, pois era da cidade de Suném. A Bíblia não relata o nome desta mulher, apenas o seu adjetivo pátrio, mas em 2 Reis (4.8-11) descreve que frequentemente passava por ali um homem e ela o alimentava, logo teve como atitude, construir um pequeno quarto para que o homem, por ela percebido como homem de Deus, pudesse descansar.

Façamos-lhe, pois um pequeno quarto junto ao muro e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e uma cadeira, e um candeeiro; e há de ser que, vindo ele a nós, para ali se retirará. E sucedeu que um dia que veio ali, e retirou-se àquele quarto, e se deitou ali. (2 Reis 4.8-11)

A sunamita serviu sem esperar um retorno, no entanto sua gentileza fez com que o hóspede procurasse uma maneira de recompensa-la descrito em 2 Reis (4. 12-16), na intenção de pedir ao rei ou ao chefe do exercito um favor, no entanto ela não aceitou. Eliseu o viajante era profeta, uma posição naquela época bem respeitada e

o modo que encontrou para recompensar foi profetizar que ela teria filho, pois ela ainda não tinha filhos.

Figura 7.



[https://lh4.googleusercontent.com/-](https://lh4.googleusercontent.com/-J8YBkEdS_fA/TXgSPjQZocl/AAAAAAAAACJE/UTIPWpYtqJc/s400/filho+sunamita+%25282%2529.jpg)

[J8YBkEdS_fA/TXgSPjQZocl/AAAAAAAAACJE/UTIPWpYtqJc/s400/filho+sunamita+%25282%2529.jpg](https://lh4.googleusercontent.com/-J8YBkEdS_fA/TXgSPjQZocl/AAAAAAAAACJE/UTIPWpYtqJc/s400/filho+sunamita+%25282%2529.jpg)

HOSPITALIDADE NO NOVO TESTAMENTO

2.3.1. Conselhos dos Apóstolos sobre a hospitalidade.

Além da escrita em Hebreus (13.2) citado no tópico anterior, na carta de Paulo (Romanos 12.13) ele aconselha a seguir a hospitalidade, aconselhando o seguinte “Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade;” em outra versão de bíblia, a Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH) este mesmo verso diz, “Repartam com os irmãos necessitados o que vocês têm e recebam os estrangeiros nas suas casas.” (Romanos 12.13). O apóstolo Paulo estava ensinando aos cristãos de Roma que deviam ser bondosos e se preocuparem com o bem-estar dos outros, assistindo-os em suas necessidades e sabe-se que o próprio Mestre Jesus dependeu da hospitalidade alheia, essa afirmação ficou clara quando Ele fala

após a declaração de um escriba, que o encontrou no caminho, dizendo: “[..] Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei. E disse Jesus: [...] mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (MATEUS, 8.19,20).

Em outra epístola de Paulo, descrita no livro de II Coríntios (9. 7-11), agora aos cristãos da cidade de Corinto, ele incentiva à contribuir aos outros irmãos da comunidade, com alegria e não por obrigação, enfatizando que toda ação generosa seria retribuída por Deus, este supriria as necessidades.

Na Primeira Epístola Universal de Pedro (4.9) fica enfatizado que devemos servir sem murmurações (uma característica de quem é hospitaleiro), ou seja, servir alegremente.

2.3.2. Jesus em casa de Zaqueu.

Seguindo essa proposta em outro livro Lucas (19.5,6) descreve sobre a alegria de Zaqueu, certo cobrador de imposto, ao receber Jesus como hóspede em sua casa. Apesar de críticas externas, tendo em vista que o povo judeu tinha inimizade com publicanos (cobradores de impostos), porque trabalhavam para Roma, Zaqueu ofereceu o serviço com prazer e dedicação. Não só recebeu o hóspede, mas estava pronto a ouvir os seus conselhos. Todo bom hospedeiro, deve estar pronto para ouvir o seu hóspede. Dessa audição, pode receber não só sugestões para atender bem a sua clientela, como também para melhora e aperfeiçoamento de si mesmo.

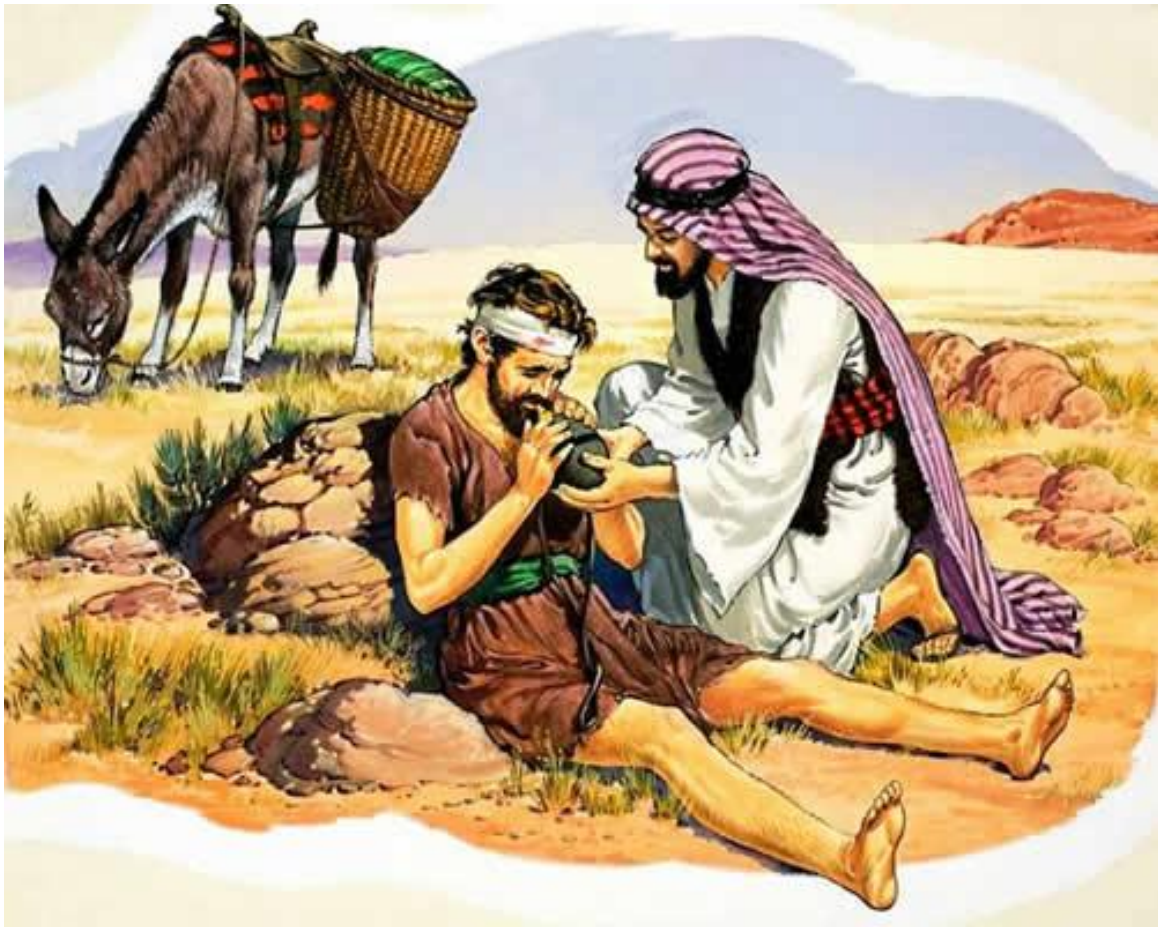
Figura 8.



<https://maisbiblia.files.wordpress.com/2013/04/zaccheus1.jpg>

2.3.3. O bom samaritano, o que custeia hospitalidade para quem necessita.

Figura 9.



<http://novotempo.com/audios/files/2013/04/o-bom-samaritano.jpg>

Certa vez, Cristo contou uma parábola a fim de ilustrar a bondade e misericórdia com o próximo; o título da ilustração é a “A parábola do bom samaritano”, disse que um homem foi assaltado e caído ficou no caminho, passaram um sacerdote e um levita, no entanto não o ajudaram, até que passou um homem samaritano (os samaritanos eram inimigos dos judeus) e este se compadeceu, cuidou de suas feridas, levou-o para uma estalagem e deixou pago a sua estadia. Essa narração induz a um pensar igualitário.

Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. E partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar. (LUCAS, 10.33-35).

2.3.4. Simão, o hospedeiro que não ofereceu um bom serviço.

Ao pensar dos bons exemplos de hospitalidade descritos no Novo Testamento, há uma situação um tanto constrangedora que ocorre quando Cristo foi convidado a um jantar na casa de certo homem fariseu chamado Simão, esse relato é citado no livro de Lucas (7.36-46).

Figura 10.



[http://2.bp.blogspot.com/-](http://2.bp.blogspot.com/-nsQafsLxYyg/Vahs7VDYful/AAAAAAAAAQcw/X3JNS2AwUk8/s1600/Sinner.jpg)

[nsQafsLxYyg/Vahs7VDYful/AAAAAAAAAQcw/X3JNS2AwUk8/s1600/Sinner.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-nsQafsLxYyg/Vahs7VDYful/AAAAAAAAAQcw/X3JNS2AwUk8/s1600/Sinner.jpg)

O jantar demonstra um anfitrião que realizou o básico, todavia sem um atendimento regado de empatia ou sentimento, tendo em vista, que um convite para participar de uma refeição era geralmente, feito para pessoas consideradas amigas ou importantes para a família do anfitrião, todavia, Simão se atentou para o básico de um atendimento e esqueceu-se de demonstrar um atendimento com sentimento, executando cortesias muito comuns naquele tempo, como lavar os pés aos visitantes, pois por andarem, na maioria das vezes a pé, os pés ficavam empoeirados e sujos, e não deu o ósculo tão usual. O ato de hospitalidade não

executada pelo anfitrião foi realizado por uma prostituta que entrou na casa do religioso e causou olhares preconceituosos, apesar de agir com gentileza; A hospitalidade rasa de Simão se contrastou com tamanho reconhecimento e generosidade da prostituta. Logo o silêncio constrangedor foi quebrado por Jesus, quando deixou claro que não há diferença por cargos ou por erros cometidos, mas todos sem distinção são amados por Ele e devem ser respeitados e tratados sem pré-julgamentos.

[...] Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés, mas esta regou-me os pés com lágrimas e me enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento (LUCAS, 7.44-46).

2.3.5. Marta, Maria e Lázaro, família hospitaleira.

Além dos personagens acima citados, há também uma mulher chamada Marta e sua irmã Maria da cidade de Betânia, que praticavam a hospitalidade ao hospedar Jesus e seus companheiros quando estavam de passagem por sua cidade, este relato está descrito no livro de Lucas (10.38). Dá-se a entender que todas as vezes que Cristo estava em sua cidade ela se disponibilizava para servi-lo, haja vista que no livro de João (11.5) somos impelidos a crer que havia empatia e uma amizade entre os hospedeiros e seus hóspedes, quando relata que Jesus amava aos irmãos Marta, Maria e Lázaro.

Jesus não estimulava uma hospitalidade forçada, mas ensinava aos seus discípulos a procurarem o melhor lugar para hospedá-los e caso não quisessem recebê-los não coagissem o anfitrião Lucas (10.5-11).

Figura 11.



<https://2.bp.blogspot.com/->

[OHXWAjSpVDY/V5vPjnkGISI/AAAAAAAAHHQ/7VO7dlczE4IZGiTcD6vcOPfHiBsAbs-wCLcB/s1600/Mary-Martha-Lazarus.jpg](https://2.bp.blogspot.com/-OHXWAjSpVDY/V5vPjnkGISI/AAAAAAAAHHQ/7VO7dlczE4IZGiTcD6vcOPfHiBsAbs-wCLcB/s1600/Mary-Martha-Lazarus.jpg)

2.3.6. Paulo em Malta: na casa de Públio.

Após um naufrágio, Paulo encontra-se na ilha de Malta, logo os habitantes da ilha foram benevolentes, acendendo uma fogueira devido ao frio. Certo homem, por nome Públio recebeu e hospedou Paulo, este, ao ver o pai do anfitrião em febre, orou para que fosse curado. O que nos dá a ideia de que o bem que você faz, retorna. “E ali, próximo daquele mesmo lugar, havia umas herdades que pertenciam ao principal da ilha, por nome Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias”. (ATOS, 28.7)

Com tantos relatos de atitudes hospitaleiras, devemos tomá-los com exemplo, a fim de contribuir para uma sociedade mais anfitriã e possibilitar um aprendizado importante sobre o respeito e generosidade.

3. FALTA DE HOSPITALIDADE NAS ESCRITURAS

3.1. Gibéa, o mau exemplo da hospitalidade.

Dentre os relatos de hospitalidade, há um exemplo antônimo ao ser hospitaleiro, a Bíblia exemplifica uma atitude estranha e reprovável, ao retratar a história de um jovem rapaz da tribo de Levi, que ao passar com sua concubina pela cidade de Gibéa, pertencente a Benjamim, sentaram-se na praça, pois não encontraram nenhum morador disponível para oferecer hospitalidade; até que um senhor se dispôs a recebê-lo, este era da cidade de Efraim, peregrino na cidade, os recolheu em sua casa, alimentou aos animais, lavou-lhes⁵ os pés e então comeram e beberam. Todavia, tendo o homem já sido hospedado, os cidadãos daquela cidade, com segundas intenções cercaram a casa e pediram para que o anfitrião trouxesse para fora o hóspede, a fim de que o conhecessem (o termo hebraico para “conhecer” usado nesse texto refere-se a relações sexuais). O anfitrião que era responsável pela segurança de seu hóspede, ofereceu a concubina do levita e sua própria esposa. Esta foi rejeitada, mas aquela foi abusada até a morte (JUÍZES 19. 15-25). Tamanha atrocidade gerou uma revolta em todas as tribos de Israel, pela crueldade e tamanha hostilidade que os moradores de Gibéa (cidade de Benjamin que cometeu o ato), demonstraram para com aquele estrangeiro e sua concubina. Precisamente o exemplo de hospitalidade que deve ser evitada a qualquer custo.

⁵ Lavar os pés de um hóspede era uma forma de cortesia comum no antigo Oriente, era também um sinal de hospitalidade. (Bíblia de estudo plenitude)

Figura 6.



https://ideologando.files.wordpress.com/2015/11/judges-19_the-levites-concubine-morgan-picture-bible-13th-cent.jpg

3.2. Um nascimento sem recepção

O livro de Lucas (2. 1-7) relata sobre o nascimento de Jesus. Descrevendo a viagem realizada por Maria e José, pois era época de alistamento; e foram até a cidade de Belém. “E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (LUCAS 2. 6,7).

Ora, um casal viajante, caminhando há vários dias, onde a esposa, prestes a dar a luz, chega a uma cidade e não encontra um local para acolhimento nas hospedarias, recorrendo então a uma estrebaria, local onde ficavam os animais, pois não teve quem os acolhesse. Perderam a oportunidade de receber aquele que seria reconhecido por seus seguidores como o Messias ou Ungido.

4. RESULTADOS EM SERMOS HOSPITALEIROS

Mesmo com uma atitude que não “espera” trocas, de acordo com textos bíblicos, quem oferece algo ou serviço a outrem, vive mais feliz e satisfeito. “[...] mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (Atos 20.35), ou seja, feliz é a pessoa que tem prazer em dar e/ou doar. E isto se dá em qualquer âmbito, ou seja, independente do local em que está sendo ofertada ou vivenciada a hospitalidade; seja em um hotel ou hospital, seja no ambiente público ou doméstico, o dar-receber-retribuir, a gentileza promoverá alta possibilidade de contentamento e satisfação, tanto para quem doa quanto para quem recebe.

Não se trata somente de executar o Procedimento operacional Padrão (POP) com perfeição. Trata-se de agregar-lhe um valor singular, mediante atuações com atitude hospitaleira. Assim, a execução do serviço atinge sua sublimidade, a qual é, certamente, sentida pelo cliente como algo que toca o fundo da alma. (CASTELLI 2010 p.9)

Godoi (2004 p.14) relata que “A hospitalidade representa um papel-chave em tornar uma acolhida agradável e calorosa, mais que simplesmente satisfazer os desejos ou atender as necessidades de outra pessoa em deslocamento”.

5. HOSPITALIDADE CONTEMPORÂNEA

As cidades e toda sua estrutura física, como aspectos culturais, além de seu povo, favorecem um acolher hospitaleiro, onde a cidade pode oferecer seus melhores recursos ao visitante. Como dito por Grinover (2009) “A prática da hospitalidade na cidade está condicionada pelas infraestruturas presentes e suas normas de utilização. O entorno vivido é lugar de trocas, enquanto matriz de um processo de hospitalidade.” Portanto, tem-se investido em propagandas internacionais de cidades denominadas turísticas, ou seja, com grande possibilidade de chamar atenção por seus atrativos.

O bem receber, o acolher, o retribuir, formas de hospitalidade que há séculos passados eram considerada como dádiva, ou mandamento; logo passa a ser estudada e ensinada no ambiente acadêmico, intensificando a ideia de que todos podem aprender, ou seja, que a hospitalidade pode ser ensinada, de maneira que o indivíduo apoderar-se-á da capacidade de perceber o outro de forma altruísta e empática.

Grinover diz que,

A hospitalidade, de acordo com os já clássicos estudiosos do assunto, implica a ultrapassagem de um espaço e a implantação de um ritual de acolhimento. Acolher o outro significa, então, aceitá-lo e recebê-lo no lugar onde nos encontramos: na nossa casa, na nossa cidade, colocando à disposição do outro o melhor de nós: o melhor do que possuímos como anfitriões. (GRINOVER, 2009 p.3)

Independente do passar dos anos, as diásporas vem ocorrendo; como no retrato de populações antigas, nos tempos bíblicos, por exemplo, onde fome, perseguições, cruzadas, ou até mesmo por prazer turístico ou curiosidade, motivavam e impulsionavam determinado clã, família ou povos em geral a partir de sua pátria, a fim de buscar e encontrar algo novo no desconhecido; ainda hoje, repete-se e vivenciamos no auge do século XXI, crescentes histórias de imigração e refugiados que procuram abrigo e/ou uma nova oportunidade de vida, além de asilados políticos.

SCHERER, 1997 apud GRINOVER, 2009, relata que “Hoje, o panorama mundial, marcado pela marginalização, exclusão, nomadismo generalizado, implica, para “reinventar” a hospitalidade em sua complexidade, pensar em uma hospitalidade ampliada, transversal, trabalhada caso a caso”.

Apesar de investimentos contínuos em suas cidades, governantes não são capazes de evitar alguns problemas comuns, seja em pequena ou grande escala, todas as localidades estão sujeitas a problemas; situações internas como pobreza e miséria, falta de saneamento, desigualdades em geral, ou ainda situações que provocam grande impacto internacional, como é o caso de guerras. Estes e outros problemas podem ocasionar o êxodo de grandes populações de suas nações.

Desde os primórdios a escassez, dificuldades, a fome ou a guerra foram motivos para a mobilidade de povos, que partiam de sua pátria em busca de uma melhoria na qualidade de vida. E atualmente, é crescente a quantidade de migrantes e refugiados, estes partem de sua terra devido a grande pressão que sofrem, quando sua vida está em risco; aqueles saem de suas nações e partem rumo ao desconhecido, a fim de uma nova oportunidade, muitas vezes devido a motivações econômicas e ao alto índice de desemprego em seu país, podendo voltar com segurança para seu país.

Os refugiados estão fora do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Também são consideradas refugiadas aquelas pessoas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e violação dos direitos humanos. (ACNUR- Agência da ONU para Refugiados)

De acordo com os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados- ACNUR, uma Agência criada em dezembro de 1950 para reassentar refugiados europeus após a Segunda Guerra, que analisou o cenário mundial, no primeiro semestre de 2016, 3,2 milhões de pessoas, tiveram deslocamentos forçados devido a conflitos. No Brasil, 3.772 sírios e 3.375 venezuelanos solicitaram refúgio. Para a Organização “1 em cada 113 pessoas em todo mundo foi forçada a se deslocar – uma população maior que o Reino Unido, o 21º país mais populoso do mundo.”(ACNUR). Dado destacado na imagem abaixo:

Figura 12



Fonte: Página da ACNUR⁶.

“Refugiados e migrantes são cada vez mais confundidos entre si e tratados com desconfiança, preconceito e intolerância. Os sistemas de proteção internacional estão sob intensa pressão.” (ACNUR- Agência da ONU para Refugiados)

O mundo está vivenciando uma diáspora de sobreviventes de guerras no Oriente Médio, de pessoas em fuga de regiões com precariedades na saúde, saneamento ou alimentação em algumas regiões do continente africano e de cidadãos que saem de suas terras em busca de oportunidades e melhores salários como acontece na Venezuela.

Governos, empresas, sociedade precisam estar atentos e atrelados para que possam recebê-los de maneira a proporcionar-lhes segurança e recursos básicos para a sobrevivência.

Sabe-se que os governos, em sua grande maioria, não estão equipados para que logo de início sejam solucionados os problemas dessa parte populacional. Cabe

⁶ Disponível em: < <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>> Acesso em 05 de Nov. 2017.

também aos cidadãos, tratem com respeito àqueles que chegam independente de seu modo cultural, raça ou religião.

De conformidade com Grinover (2016 p.119) quando diz que:

[...] para a criação de políticas adequadas à hospitalidade, é a parceria entre a administração pública e a sociedade civil, proporcionando a liberação de uma quantidade fantástica de energias transformadoras com que a gestão burocrática e tradicional dos processos administrativos jamais sonhara. Além disso, mais do que hipótese, é necessário estabelecer e implementar, em todos os setores, um processo de inovação.

Seguindo os exemplos bíblicos já mencionados, poderemos nos tornar bons anfitriões e respeitar o próximo, amando-o e acolhendo-o quando necessário, com empatia e amor ao próximo. Assim certamente estaremos mais aptos para receber aqueles que precisam se hospedar conosco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tantas recomendações, a respeito da hospitalidade e apesar da grande dificuldade atualmente, em servir o outro se doando por completo, tendo em vista o aumento de violência, hostilidade, agressividade, ainda assim, exercendo essa hospitalidade com cuidado e prudência, pode-se corroborar para um ambiente mais hospitaleiro, mais receptivo e mais inclusivo. Infelizmente apesar de tantos ensinamentos sobre hospitalidade ou receptividade, muitos ainda não aplicam os milenares ensinamentos bíblicos.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Altamir Célio de. Narrativa Sobre Mulheres: Amizade, Hospitalidade e Diáspora em Textos Bíblicos Fundacionais. Juiz de Fora. Fevereiro de 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4698/1/altamirceliodeandrade.pdf>>. Acesso em: 19 Nov. 2017.

BEZERRA, Sandra Regina Zúniga de Souza. APONTAMENTOS SOBRE HOSPITALIDADE, TURISMO E MODERNIDADE - Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas jul./dez.2007, v. 12, n. 2, p. 335-345- Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/viewFile/567/482>> Acesso em: 29 Out. 2017.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida 1997. Santo André- SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Nova Tradução na Linguagem de Hoje - NTHL. Barueri- SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A pesquisa em hospitalidade.- Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez.2008. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/viewFile/151/176>> Acesso em: 29 Out. 2017.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004. – coleção ABC do turismo. 2º edição revista, 2005. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/?next=/pearson/>>. Acesso em: 14 Jan. 2018.

CAMPOS, Sinara Rafaela. Os cinco sentidos da hospitalidade. Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, Rio de Janeiro, p. 9 a 10, jan. 2008. ISSN 1980-6965. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5694>>. Acesso em: 10 Out. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/oit.v3n1.5694>.

CÂNDIDO, Índio; VIEIRA; Elenara Vieira de. Gestão de hotéis- Técnicas, operações e serviços. 1 ed. Editora EDUCS, 2003.

CASTELLI, Geraldo. Hospitalidade: a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços/ Geraldo Castelli. – São Paulo. Saraiva, 2010.

CHON, Kye-Sung; SPARROWE, Raymond T. Hospitalidade- Conceitos e aplicações. 2 ed. Revisada e atualizada. Editora SENAC, Junho de 2014.

CHWARTS, Suzana. Do estudo acadêmico da bíblia hebraica. Revista de Estudos n.6, pp.39-43 - 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/reo/article/viewFile/90729/93437>>. Acesso em: 16 Out. 2017.

COSTA, Ewerton Reubens Coelho. COMENSALIDADE: A DÁDIVA DA HOSPITALIDADE ATRAVÉS DA GASTRONOMIA. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano9-edicao2/3.pdf>>. Acesso em: 29 Out. 2017.

Dicionário Bíblico: Estudo dos livros bíblicos. São Paulo: DCL, 2015.

Dicionário do Aurélio. Disponível em: <
<https://dicionariodoaurelio.com/hospitalidade>>.

GODOI, Adalto Félix de. Hotelaria hospitalar e humanização no atendimento em hospitais. Pensando e fazendo – São Paulo: Ícone, 2004.

GRINOVER, Lucio. A Cidade à Procura da Hospitalidade. - Série Turismo. São Paulo: Aleph, 2016.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano VI, n. 1, p. 04-16, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/214/284>> Acesso em 05 Nov. de 2017.

LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison. EM BUSCA DA HOSPITALIDADE: Perspectiva para um mundo globalizado. Barueri, SP: Manole, 2004.

OLIVEIRA, Ana Carolina. SANTOS, Marcia M. C. dos. No panorama conceitual da hospitalidade, a presença de novos aportes teóricos. In: ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - Saberes e fazeres no turismo, 6.; SEMINTUR, 2010, Caxias do Sul. UCS- Universidade Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/No%20panorama%20conceitual%20da%20hospitalidade.pdf> Acesso em 05 Nov. 2017.

PUC-RIO. - -certificação digital N°0510311/CA. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10438/10438_3.PDF-PUC-Rio>. Acesso em: 16 Out. 2017.

PROTEJENDO REFUGIADOS NO BRASIL E NO MUNDO. Acnur- Agência da ONU para Refugiados. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Cartilha_Protegendo__Refugiados__No__Brasil__e__no__Mundo> Acesso em 16 Nov. 2017.

Secretaria Nacional de Justiça. Refúgio em Números. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf> Acesso em 05 Nov. 2017.

WALKER, John R. 1944. Introdução à Hospitalidade. 2º edição. Tradução: FILHO, Élcio de G. V. Barueri, SP: Manole, 2002.